

Celebrou-se o Ano da Fé de 29 de Junho de 1967 a Julho de 1968. No acto solene do seu encerramento (30 de Junho p. p). Paulo VI proclamou «O Credo do Povo de Deus».

Trata-se da integridade da Fé católica professada e proposta ao Povo de Deus pelo Santo Padre. Este «Credo do Povo de Deus» não se esperava, apareceu de surpresa.

Este Documento Pontificio — que foi um acto de grande firmeza — reveste-se de uma actualidade extraordinária e é um dos factores históricos mais significativos na Igreja pós-conciliar. O Papa retomou e ampliou o Credo de Niceia, acrescido daqueles desenvolvimentos que as condições espirituais do nosso tempo exigem, a fim de que toda a Igreja de Cristo tivesse um documento preciso sobre o qual pudesse meditar; do qual extraísse ensinamentos seguros entre tantas interpretações confusas e falsas, entre tantos desvios doutrinais que, em muitas partes do mundo católico se vão multiplicando; em que «grande número de certas são postas em contestação ou em discussão».

Perante a sede insaciável de mudança e de novidade que abraça o mundo e perante o indeclinável dever de procurar e investigar a verdade, exige-se a

O Credo do Povo de Deus

máxima cautela e ponderação para não se cair no erro ou se perder a integridade da fé.

O homem que deseja crer encontrou uma resposta precisa e segura nas palavras de Paulo VI, que salvam a fé, e não impedem as legítimas diferenças de opinião no âmbito da palavra revelada.

Este Credo do Povo de Deus não tem propriamente carácter de uma definição dogmática, mas é, sem dúvida alguma, um autorizado e encorporado feixe de doutrina, uma autorizada e admirável síntese das verdades tradicionais da Fé católica, constantemente propostas ao Povo de Deus, como objecto de Fé, pelo Magistério solene e pelo Magistério Ordinário e Universal.

Não nos é possível reproduzir aqui todo «o Credo do Povo de Deus» mas chamamos a atenção para o facto de o Papa ter proclamado a sua fé em Deus uno e trino, na maternidade e virgindade de Maria, na encarnação e redenção, no pecado original, na capacidade lustral do baptismo, na Igreja uma, santa, católica e apostólica, na infalibilidade do Papa, na real presença de Cristo na Eucaristia, na vida eterna e na ressurreição dos mortos.

Ao escrever «o Credo do Povo de Deus», ao pronunciar a sua Profissão de Fé, o Santo Padre quis:

- dar público testemunho da sua fidelidade ao Depósito da Fé;
- testemunhar a sua plena e integral adesão, interna e externa à Verdade Divina, cuja vivência e proclamação o Senhor confiou à Igreja;
- proclamar a integridade da Fé católica, realçando os dogmas que estavam a ser perigosamente deformados por certos teólogos da nova vaga;
- render a Deus a sentida homenagem da sua Profissão de Fé;
- promover a utilidade e edificação da Igreja;
- confirmar os irmãos na Fé.

Esta confirmação na Fé, que é ministério de Pedro e seus sucessores, tornava-se necessária, porque «chegamos a ver os católicos deixarem-se levar, por uma espécie de paixão, pela transformação e pela novidade» — afirmou o Papa.

No fim deste mês, por ocasião da Festa de Cristo-Rei e Tríduo do S. C. de Jesus, faremos larga e variada campanha sobre este assunto, entretanto, formulamos o propósito sincero de nos mantermos firmes e inabaláveis na adesão que temos prestado a todas as verdades na nossa fé — condição indispensável de salvação eterna.

Movimento Religioso

EM SETEMBRO

Baptismos:

Dia 2 - Jorge da Silva Sacramento, filho de António Neto do Sacramento e de Maria da Conceição Araújo da Silva, residentes no Largo Sacadura Cabral n.º 5.

8 - Joana Paula Felgueiras Pereira Alves, filha de Leopoldo Pereira Alves e de Maria Josefina de Sousa Felgueiras Alves, residentes no Largo Tomás de Miranda n.º 22.

- Pedro Amândio Marinho de Sousa, filho de Fernando de Moraes Mota e Sousa e de Vitória da Luz Fonseca Marinho de Sousa, residentes na Av. Rocha Gonçalves n.º 6.

- Paulo Fernando Ferreira Teixeira, filho de Abílio da Silva Teixeira e de Maria Isabel Rodrigues Ferreira, residentes no Largo Marquês de Pombal.

15 - Miguel Filipe Moreira da Silva, filho de António Gonçalves da Silva e de Luísa Moreira Gonçalves, residentes no Bairro dos Pescadores.

- António Jorge Moreira da Silva (gémeo do anterior).

22 - Maria Teresa Pinto Ferreira, filha de Atnónio Moreira Ferreira e de Maria Carminda Viana da Silva Pinto, residentes na rua Dr. Lopes Cardoso.

Casamentos:

Dia 29 - Jerónimo dos Santos Miranda, natural de Gemeses, filho de Albino Adelino de Miranda e de Gracinda Matos dos Santos, com Maria Felismina Novo dos Santos, natural desta Vila, filha de Virgílio Herculanu dos Santos e de Carolina Nunes Novo.

Óbitos:

Dia 2 - Jorge da Silva Sacramento, acima referido nos baptizados.

21 - Manuel dos Passos Martins Palmeira, solteiro, proprietário, de 72 anos de idade, natural desta Vila, onde era residente na rua António Abreu.

- Outubro - mês do Rosário - de mãos erguidas ao céu, rezemos todos os dias, fervorosamente, o terço da paz.

Noticiário

■ De 27 do corrente a 3 de Novembro realizar-se-á nesta vila, uma semana de pregação em honra do S. Coração de Jesus. Será orador o Rv.º Sr. Padre Mendonça, da Ordem Franciscana, residente em Matosinhos.

Dada a necessidade de todos repensarmos nos problemas da nossa vida espiritual, o tempo e horários apropriados, etc, esperamos que a nossa Igreja Matriz não apresente algum lugar vazio.

■ No dia 5 de Setembro, na Capela de Santa Maria Madalena, Falperra, a nossa conterrânea menina Maria Manuela Beirão Faria Lamela, professora oficial, contratou matrimónio com Armandino Dias da Silva, natural e residente em Labruge - Vila do Conde.

Aceitem os mais sinceros votos de felicidades.

■ O Rev.º Sr. Padre João Porto Soares, ex-pároco desta vila, que há dias esteve de novo entre nós, foi nomeado professor de Religião e Moral no Colégio de D. Diogo de Sousa, em Braga.

Felicidades e um fecundo apostolado.

■ Integradas num grupo Liamista, durante o mês de Setembro, visitaram de avião as principais cidades de Angola, as nossas conterrâneas Sras. D. Ema e Maria Luisa Beirão Faria Lamela.

Este passeio ficar-lhe-á na vida como incentivo e como prémio da sua desmedida actividade em prol da causa missionária.

OS NOSSOS BENFEITORES

Pelo número anterior ofereceram:

5\$00 - Manuel Barreira, D. Júlia Monteiro, Maria Helcna Gonçalves, José Borges e António Rodrigues Marques.

3\$50 - António C. Zão.

2\$50 - Dr. Eduardo Regado, Carlos Lima Maciel, António Pilar Ferreira, Manuel Martins Ferreira, Rufino Ilá; João Torres, Manuel da Silva Pinto, Celestino Zão, Ondina Praia, Dr. Augusto Reis, D. Eva Portela, D. Etelvina Barros Lima, Madalena Gaspar, Josefina Felgueiras, Joana Felgueiras, Isaura Lopes, Fernanda Torres e dois anónimos.

1\$50 - Amália Reis, Eduardo Viana, Armindo Gomes, Tibério, Maria Angélica, Leonel Loureiro Azevedo e Deolinda de Sousa.

Pelo primeiro ano ofereceram:

50\$00 - D. Amália Rosa da Costa Lima Guimarães (Braga), D. Amélia Losa, António Mariz de Sousa e Costa (Porto), um anónimo (França) e Gloriano da Silva Pinto (Brasil).

30\$00 - Francisco J. de Campos Evangelista (Leça da Palmeira).

20\$00 - D. Maria Teresa Vieira Veloso, Arminda Ferreira Lopes, um anónimo e Bibiana Martins Giesteira.

16\$00 - Manuel Miranda Figueiredo.

Catequese

A catequese é a obra fundamental de uma comunidade paroquial. Se ela falha... tudo falhou. Na mesma hora em que a abandonássemos, teríamos abandonado a primeira e fundamental missão da Igreja de Cristo: *ide e ensinai todos os povos... baptizai-os...*

A missão de ensinar aparece-nos antes da missão de santificar e governar. Estas supõem aquela.

Sem o ensino da catequese não haverá fé... nem haverá nada. É com esta consciência que lhe vamos dedicar o melhor das nossas forças e do nosso tempo, sem recuarmos perante qualquer dificuldade.

Para darmos concretização às normas da moderna Pastoral Profética, enfim, para uma catequese viva, eficiente e influente, quando sentimos a necessidade de um apropriado Salão Paroquial!

(As escolas não são nossas, nem nos são facilitadas para a catequese paroquial).

No intuito de realizarmos tudo quanto pudermos, pedia aos pais o máximo cuidado na inscrição dos seus filhos na catequese e na devida frequência durante todo o ano catequístico.

Ouso também pedir, encarecidamente, às Sr.as Catequistas, o maior sacrifício possível na preparação das lições (não se pode improvisar), e na frequência das reuniões que iremos ter desde Outubro até à Páscoa.

Todos unidos faremos muito.

O que é a MISSA?

(Cont. da pág. 1)

dons) pela Vossa Igreja. Dignai-Vos dar-lhe a paz, em todo o mundo, protegê-la, juntá-la na unidade...» Reza-se pelo Papa, pelo Bispo, pelos particulares, enfim, é toda a Igreja da terra que está presente na mais humilde igreja da aldeia em que se celebra a missa. Depois no prefácio, cantamos com os anjos numa só voz, evoca-se a Virgem Maria, os Apóstolos, todos os Santos. Todo o Céu está presente.

Por fim, o Purgatório. Onde está Cristo, aí estão todos os que vivem em comunhão com Ele, quer assistam muitos fiéis, quer esteja o celebrante com duas ou três pessoas. Ele aí convoca e reúne as três partes da Igreja: a militante, a padecente, a triunfante. A missa é a maior assembleia que se possa imaginar, porque é a antecipação da assembleia ainda mais vasta e definitiva do Céu.

Celebrante e fiéis nas missas celebradas às escondidas, em prisões ou campos de concentração, não se encontram isolados, mas sim unidos a toda

Três Cartas

A primeira veio do Sr. Manuel da Costa Lima, Argentina, a manifestar, com a maior clareza, a imensa alegria pela recepção deste boletim.

Muito obrigado pelas palavras amáveis que nos dirige.

A sua carta é um testemunho inconfundível da sua fé e da sua compreensão pelos problemas religiosos da nossa terra.

Para si, e para todos os seus, aceite os mais sinceros votos de saúde e felicidades, deste que um dia o espera conhecer pessoalmente.

A segunda carta veio do Sr. Francisco Nelson Ilá de Barros Lima, França, e deixou-nos outrossim sensibilizado.

Creia, meu bom amigo, que nós precisamos de ajuda material, mas também carecemos muito de compreensão e ajuda moral.

As suas palavras são tão amáveis que o meu mais sincero agradecimento ficará muito aquém do que elas merecem.

Com certeza continuará a gostar do nosso boletim.

Com um abraço cordial depeço-me até à vista.

A terceira carta procede da Sr.^a D. Maria Amélia Barros, Bolombo-Angola.

Confie que não me esquecerei dos seus pedidos. Muito obrigado pelos sentimentos que me apresenta e creia que, embora longe de nós na distância física, estará sempre conosco na vivência perene dos nossos sentimentos de amizade fraternal e cristã. Que isto seja alento para as horas de nostalgia que a torturam, a si, e aos seus.

Que a benção do Senhor esteja sempre com os seus filhinhos e aceite os mais sinceros cumprimentos deste que se assina para todos

Padre Manuel Baptista de Sousa

- O Terço: - Escola para a formação das almas e breviário da vida cristã.

a terra e ao Céu, numa mesma comunhão, em volta da mesma mesa, a mesa do Senhor.

Por hoje termino com as palavras de Paulo VI na encíclica *Mysterium Fidei*: «na realidade, qualquer missa celebrada, oferece-se, não apenas pela salvação de alguns, mas, pela salvação do mundo inteiro».

O que é a MISSA?

Em continuação do assunto começado no número anterior, vamos hoje ver que a missa é um sacrifício, é uma comunhão e é uma reunião.

III — A Missa é um sacrifício

Quando falamos da missa, raramente aludimos à Ceia; preferimos dizer que a missa é o *santo sacrifício*. Mas não fazemos isto pelo facto de os protestantes usarem a palavra ceia!...

Para compreendermos porque é a missa um sacrifício temos que remontar à sua instituição, no decurso da Ceia ou refeição pascal. Esta era uma refeição sagrada, com um significado religioso, e misterioso; comia-se um cordeiro, cujo sangue, por ocasião da primeira Páscoa, tinha sido espalhado sobre a ombreira das portas. Isto era um anúncio da Paixão do Senhor: o sangue de Jesus, Cordeiro de Deus, seria um dia derramado sobre o madeiro da cruz, para nos dar acesso ao Pai e assim assegurar a nossa situação.

Por isso, na instituição da Eucaristia, Cristo não diz somente: «Isto é o meu corpo», mas diz: «Isto é o meu corpo entregue por vós». E depois: «Isto é a taça do meu sangue... que será derramado para remissão dos pecados».

Mas ainda, porque toma pão e vinho, porque consagra separadamente o corpo e o sangue, anuncia, representa (torna presentes) a Paixão e a Morte, na qual, dentro em breve, o seu corpo e o seu sangue serão realmente e visivelmente separados.

Portanto, a missa e a cruz são, para nós, uma só e mesma coisa. Não há dois sacrifícios: o da cruz e o da missa, mas o único sacrifício de Cristo. Este sacrifício, ontem sangrento, doloroso, enquanto Jesus sofria a sua Paixão, a missa no-lo torna presente hoje de um modo não sangrento. E, ao mesmo tempo que torna presente aos nossos olhos a Paixão, ela traz até nós todas as graças que nos foram merecidas pela morte de Jesus. Na missa, como na cruz, é Jesus quem é oferecido; — é Jesus quem oferece. É o mesmo sacerdote, a mesma vítima, o mesmo sacrifício.

Este sacrifício de Cristo é também o sacrifício da Igreja. Não é somente Jesus quem oferece por nós o seu sacrifício ao Pai, é toda a Igreja que o apresenta. Os sinais da cruz que o padre traça sobre o pão e o vinho, antes e depois da consagração, são disso testemunho; e mais ainda as orações que ele pronuncia: «Que o nosso sacrifício seja oferecido de maneira a agradar-Vos». Abençoa este sacrifício...». «Recebei esta oferenda que nós Vos apresentamos em memória da Paixão...». «...para que o meu sacrifício, que também é vosso...» etc.

Este sacrifício é nosso, porque foi oferecido por nós. É nosso, porque, pela missa, unimos as nossas dores, por pequenas que elas sejam, ao grande sofrimento de Jesus. É nosso, porque também nós o apresentamos. É nosso, porque,

pela missa e comunhão, recebemos a graça que Jesus mereceu para nós: os pecados são apagados, o império de Satanás destruído, os nossos sofrimentos unem-se aos de Jesus, finalmente a vida divina é-nos dada em abundância.

IV — A Missa é uma Comunhão

Esta resposta é uma conclusão das anteriores, pois, a comunhão é a refeição propriamente dita da assembleia cristã. Tal como nos sacrifícios antigos, a vítima é consumida por aqueles que ofereceram o sacrifício.

A comunhão pertence, pelo menos, à integridade do sacrifício, de modo que não há missa sem comunhão: sacramental, ou para os fiéis pelo menos, a comunhão espiritual.

A Igreja insiste para que as hóstias distribuídas na comunhão da missa, sejam consagradas nessa mesma missa.

Além desta comunhão com Cristo temos a comunhão com os irmãos: uma comunidade celebrante. Toda a missa é comunitária. Comunhão é uma palavra que tem a mesma raiz que a palavra comunidade. Ora a missa é sempre um acto da comunidade cristã, quer dizer, é celebrada em nome da Igreja e em união com toda a Igreja: militante, padecente e triunfante, como veremos na resposta seguinte.

A missa deve continuar na vida, e, portanto, esta comunhão na Eucaristia, deve prolongar-se na vida de cada dia, em caridade fraterna. Segundo o pensamento de S. Paulo a comunhão é um banquete fraterno, onde «participamos todos do único pão», por isso, a comunhão é o segredo e a força misteriosa da paz e do amor entre os homens.

Não estará a viver a Missa aquele que não está unido com seu irmão.

V — A Missa é uma Reunião

Toda a refeição é uma reunião onde os homens se vêm e entram na intimidade uns dos outros. Mas, enquanto as nossas refeições da terra nunca reúnem senão um pequeno número de convivas, Cristo congrega a imensa multidão de todos os homens. Na parábola do banquete diz aos mensageiros que tragam até os aleijados, os vagabundos, os sem lar, enfim, que venham todos; Este banquete é imagem do céu, mas também imagem da missa, que é um primeiro esboço do céu.

Para a missa todos são convidados. A palavra Igreja vem de um velho termo grego que significa: assembleia, chamar para uma reunião. O sino que toca é o símbolo da Igreja, é um apelo que vem do alto. Senão, vejamos o que diz o canon da missa: «Oferecemo-Vos (estes

(Cont. na pág. 3)